

HISTÓRIAS DE VIDA E EDUCAÇÃO – UMA PERSPECTIVA FORMADORA

Gerbet Dantas dos Santos ¹

RESUMO

A subjetividade humana foi, por muito tempo na história, desconsiderada quando a tônica era o fazer científico. As histórias de vida não revelavam nada além de acontecimentos, e estes, por sua vez, não eram compreendidos em sua amplitude, e assim sendo, atribuir uma qualidade epistemológica ao sujeito enquanto um ser que vive e produz conhecimento não era possível, não tinha base e nem rigor científico. A presente pesquisa bibliográfica se materializa na tentativa de superar tal viés positivista, objetivando elucidar o método biográfico como uma proposta/abordagem que sugere processos fecundos de formação e, especificamente, identificar elementos no trabalho com histórias de vida que auxiliem na compreensão do homem como um sujeito plural e de ligações variadas com o mundo. Para fundamentar o estudo serão apresentados como base epistemológica Freire (1967, 1996, 2001), Passeggi (2008a, 2008b), Souza (2008, 2011), Nóvoa (2007, 2008, 2010), Nóvoa & Finger (2010), Josso (2010) que compõem uma equipe de escritores transgressores. O exercício de pesquisa e trabalho da temática evidenciou a descoberta e o aprofundamento de algumas questões, desta forma, verifica-se que o método biográfico, o trabalho de estudo e construção da realidade a partir das histórias de vida, instrumentaliza o sujeito, psicossomático por sua vez, a perceber-se no mundo como um sujeito dialético que compreende, interpreta e transforma sua realidade de uma maneira mais consciente, por meio de um processo narrativo que o faz autor, condutor e transformador da sua história, a partir de uma práxis do domínio de si próprio.

Palavras-chave: Histórias de vida, Método biográfico, Educação, Experiências, Formação.

INTRODUÇÃO

A subjetividade humana foi, por muito tempo na história, desconsiderada quando a tônica era o fazer científico. As histórias de vida não revelavam nada além de acontecimentos, e estes, por sua vez, não eram compreendidos em sua amplitude, e assim sendo, atribuir uma qualidade epistemológica ao sujeito enquanto um ser que vive e produz conhecimento não era possível, não tinha base e nem rigor científico, neste contexto alguns pensadores foram responsáveis e produtores de uma nova ótica para a ciência. O ser humano, a partir dessas revoluções conceituais, passou a ser analisado em uma posição mais dialógica, mais holística, agora como um ser psicossomático. Nesse momento a vida passa a assumir uma figura mais complexa, com mais nuances, com um potencial maior de transformação.

¹ Pedagogo pela Universidade Federal do Ceará - UFC, gerbetdantas@gmail.com.

Considerando o avanço científico na contemporaneidade, no que se refere ao trabalho com os aspectos subjetivos do sujeito, entende-se que as histórias de vida além de serem transgressoras a um modelo positivista e a uma ciência de enlaces cartesianos, podem ser transformadoras, e que um trabalho reflexivo sobre elas podem instrumentalizar o sujeito na sua prática de renovar-se, de compreender-se, por isso a existência e a necessidade de uma abordagem de pesquisas e estudos nesse campo, crescente cada vez mais no tempo atual.

Para tanto, evidencia-se como objetivo geral a atividade de elucidar o método biográfico como uma proposta/abordagem que sugere processos fecundos de formação, e como objetivo específico: identificar elementos no trabalho com histórias de vida que auxiliem na compreensão do homem como um sujeito plural e de ligações variadas com o mundo. A pesquisa aqui delineada apresenta uma metodologia bibliográfica de abordagem qualitativa, referenciada em Marconi & Lakatos (2003) e Gil (2002).

Para fundamentar o estudo serão apresentados como base epistemológica Freire (1967, 1996, 2001), Passeggi (2008a, 2008b), Souza (2008, 2011), Nóvoa (2007, 2008, 2010), Nóvoa & Finger (2010), Josso (2010), entre outros autores, que compõem uma equipe de escritores transgressores e que veem, na abordagem das histórias de vida uma alternativa para discutir o processo de formação do indivíduo a partir dele próprio.

O exercício de pesquisa e trabalho da temática evidenciou a descoberta e o aprofundamento de algumas questões, desta forma, verifica-se que o método biográfico, o trabalho de estudo e construção da realidade a partir das histórias de vida, instrumentaliza o sujeito, psicossomático por sua vez, a perceber-se no mundo como um sujeito dialético que compreende, interpreta e transforma sua realidade de uma maneira mais consciente, a partir de um processo narrativo que o faz autor, condutor e transformador da sua história, e assim construindo-se, faz-se possível refletir e identifica-lo a partir de uma práxis do domínio de si próprio.

METODOLOGIA

A pesquisa do presente artigo se constrói nos fundamentos de uma pesquisa bibliográfica, a partir do estudo e elucidação de autores e escritos relacionados à temática.

Conforme Manzo (1971 *apud* MARCONI & LAKATOS, 2003) a pesquisa bibliográfica se alicerça na tentativa de definir e/ou resolver não somente problemas já existentes, mas como explorar novas áreas onde os problemas ainda não “se cristalizaram suficientemente”. Sendo assim, e de acordo com Trujillo (1974 *apud* MARCONI & LAKATOS, 2003) a pesquisa

bibliográfica não pode ser apresentada como mera repetição do que já fora escrito, por sua vez, caracteriza-se como um novo exame acerca de determinada temática, gerando assim novos olhares e novas posições. Os principais materiais de apoio para elaboração desse artigo e revisão bibliográfica foram livros (citados em Desenvolvimento), que formalmente se configuram como livros de leitura corrente, conforme Gil (2002), e artigos de periódicos.

DESENVOLVIMENTO

Uma das premissas que servem de pilar para a escolha da temática está teorizada em Educação como Prática de Liberdade, escrita por Paulo Freire (1967), em que o homem é um ser plural, de relações plurais e de ligações e experiências variadas com a realidade do mundo que se insere, esta que não se adequa a um gabarito restrito de respostas, segundo ele.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002). Quando se trata de história de vida, faz-se necessário falar sobre experiências. E elas, por sua vez, se dirigem a uma visão (trans)formadora do sujeito por si. A necessidade de falar sobre experiência reside, a priori, na clareza de entendê-la como um resultado, ainda que parcial, das interações do homem com o meio e com o outro. Porém, nem todas as interações são promotoras de experiência.

Segundo Passeggi (2011), tratando dos princípios da arte da escrita sobre si, um dos conceitos fundantes desta arte é a *autopoiética*, do grego (*autos*) que significa “próprio” e (*poiésis*), “criação”, “invenção”, “produção”, neologismo criado no final da segunda metade do século XX, que chega às ciências sociais com a premissa da possibilidade do homem de poder construir e constituir-se a si mesmo.

Pensar em uma construção de subjetividades, se faz, primordialmente, um trabalho sensível (JOSSO *apud* SOUZA, 2007). Isso se faz necessário compreender para partir ao pressuposto de que uma narrativa organizada em torno das experiências de vida possui características. É nesse espaço que o ator de faz autor, e se questiona sobre o sentido das suas vivências, sobre as marcas que lhe tocaram.

O patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, impulsiona os conhecimentos aqui trabalhados pela sua visão progressista, que entende o sujeito em seu universo, em sua globalidade, e, sobretudo, pela sua esperança e crença na Educação como um instrumento de transformação do mundo.

Uma das obras aqui referenciadas é *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, escrita por Freire (1996) que trata da construção epistemológica da Educação

como um espaço de compreensão de saberes, de uma prática alicerçada na criticidade, na ética, rigorosidade metódica, no respeito, na construção de identidades, como uma oportunidade também de encorajar-se frente aos medos e riscos provenientes de uma realidade tão dinâmica, e, sobretudo, de acreditar em um processo educativo dialógico e progressivo. Outras obras de mesma autoria serão aqui tratadas por seu caráter político de analisar e acreditar na Educação, tais como *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia da Esperança* (1997).

No texto *A experiência em formação* Passeggi (2011) reflete, no âmago das experiências de vida, que a relação entre consciência e linguagem é dialética, e é assim que as escritas de si tornam-se formadoras. A expressão, a atividade de narrar, seguida por uma reflexão que traga a experiência à consciência possibilita ao ser reinventar-se.

Passeggi et al. (2011) trazem um conceito interessante que precisa ser mencionado neste trabalho, a reflexão autobiográfica, sendo ela “a capacidade de criatividade humana de reconstruir a consciência histórica das aprendizagens ao longo da vida” (p. 151). Outros dois conceitos importantes trazidos a este trabalho foram propostos por Josso *apud* Passeggi et al. (2011) são: experiências formadoras e recordações referências. O primeiro seria classificado como sendo uma relação imbricada e consciente entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação, sendo elas, as experiências formadoras, que conferem a característica de experiência às vivências; e recordações referências são os marcos/ marcas da vida (p. 151).

Autores como Nóvoa, Josso, Finger, Ferraroti foram, como já mencionado, de importância primordial uma vez que trouxeram as bases epistemológicas necessárias. Obras como *Vidas de professores* e *Profissão professor*, organizado por Nóvoa (2007; 2008) contribuíram com a construção de uma reflexão mais empenhada à figura do professor, que, embora não seja objeto desse artigo, permite relacionar as histórias de vida à consciência.

Duas obras muito importantes que contribuíram para nossa formação no tema de interesse a esse trabalho, são: *Experiências de vida e formação*, da Marie-Christine Josso (2010) e *O método (Auto)Biográfico e a Formação*, organizada por António Nóvoa e Mathias Finger (2010), ambos da coleção Pesquisa Autobiográfica ∞ Educação. Referidas obras refletem o método em sua origem, trazendo ao leitor as bases para o entendimento desse novo fazer científico.

Um dos livros, *Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação: Afetos e (Trans)formações*, organizado por duas professoras do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, Ercília Maria Braga de Olinda e Luciane Germano Goldberg, publicado em 2017, contou com mestres, doutores e professores da rede pública falando sobre casos temáticos em que a

estratégia metodológica de utilização das histórias de vida se reverberou com um espaço de informações e sentimentos privilegiados. Uma obra-prima.

Tento em vista a dificuldade inicial de conhecer bibliografias para conduzir a pesquisa, foram consultados alguns textos e artigos que importantes para o entendimento de como se pode analisar a atividade de rememoração de experiências vividas, e principalmente entender como elas podem ser transformadoras.

Por fim, a biografia educativa ou narrativa de formação, estando o seio da Educação, se classifica como uma “perspectiva metodológica que se apropria das histórias de vida no campo educativo, especialmente ligada à formação de adultos. Relato das experiências que ao longo da vida se constituíram como formadoras.”, esta mais presente no Movimento das Histórias de Vida preconizado por Nóvoa, Finger, Josso *et al.*, anteriormente citado (BRAGANÇA & MAURÍCIO, 2008, p. 260-261).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção de homem, trazida por uma gama enorme de autores progressistas e construtivistas, como um ser dialético, que se naturaliza em sua processualidade, em sua omnilateralidade, como um ser essencialmente social, interacional, inteligível, cognoscente, global, é aqui defendida como uma posição teórica acertada, pois é este sujeito que, mencionado em todas as suas potencialidades, poderá escrever e reescrever uma nova história de vida.

Conforme já explicitado, as experiências vividas são passíveis de reflexão, e a reflexão, por sua vez, promove à consciência a realidade. Conforme Bondía (2002), a experiência toca, aquilo que não toca, não é experiência. Desta forma, cabe vê-la, à luz do que o autor diz, que difere-se de informação, sendo esta quase uma “antiexperiência”, ou seja, o saber que a experiência produz não é um saber de coisas, assim a “sociedade da informação” é um lócus onde nada acontece ao homem, onde a sua oportunidade de experienciar lhe é trocada por um discurso de que saber sobre fatos torna o homem mais “sábio”.

Marie-Christine Josso, professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, na Suíça, também socióloga e antropóloga, escreve, no seu livro *Experiências de vida e formação, sobre experiência*. Ela traz o conceito de experiência formadora, e, partindo de uma linha muito similar ao que Bondía escreve, ela mostra que essa experiência que não é provocada e que assume o papel de formação se faz a mãe dos saberes, e que se aceita por uma convenção social como tal, se faz necessária pensar em uma dialética mais profunda entre interioridade e exterioridade, entre saber e entre conhecer, legitimando

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

assim a importância do estudo das experiências de vida como propulsoras do ser humano em sua integralidade.

A literatura que dá suporte a essa pesquisa se empreende em estudar o ser humano em seu caráter processual de existência e de transformação do meio. Autobiografia e demais técnicas afins é “um tipo de metodologia que (re)posiciona sujeitos e fatos com base em relatos de vida, descobertas diárias, lembranças esquecidas e/ou recuperadas, entrevistas com protagonistas e grupos sociais de pertença, como uma oportunidade de diálogo social entre e com histórias de vida e histórias das sociedades” (LUSTOSA, 2016, p. 3).

A discussão acerca do positivismo se faz necessária para situar na história da humanidade o momento de confronto e refutação de ideias, uma vez que, a partir desse marco a forma de pensar a ciência toma em si um espaço de maior expansão. Segundo o autor, é neste momento que surge a possibilidade de um “novo paradigma compreensivo”, e que o sujeito é de fato compreendido em seu aspecto existencial. Falar de experiência de vida agora também é falar de ciência.

Historicamente, com base no já explicitado, o homem aprende a se comportar de uma maneira totalmente objetiva, e com base nisso o autor reflete que “somos herdeiros/as de uma epistemologia moderna que buscou na distinção clara entre sujeito-objeto, no calar da subjetividade, o caminho para construir o conhecimento objetivo”, e por muito tempo assim se fez.

Ainda na reflexão do processo científico tendo como instrumento a escrita (auto)biográfica, Josso *apud* Passeggi et al. (2011) analisa que

[...] embora a produção de conhecimento a partir das histórias de vida seja muito rica, os trabalhos nessa área ainda não traduzem formulações coletivas que explicitem as articulações entre suas conceitualizações, passo indispensável à formalização de uma teoria da formação, na perspectiva das histórias de vida em formação. (JOSSO, 2011).

A reflexão da autora ainda segue levantando hipóteses sobre o porquê dessa desarticulação e consequentes impedimentos à formalização de uma teoria: “um resíduo de pregnância das origens disciplinares dos pesquisadores”, fator condicionante ao modo de fazer ciência, “sua preocupação com a originalidade intelectual e a angústia de se arriscar a adotar uma posição transdisciplinar numa universidade organizada, dominada por territórios disciplinares duramente conquistados [...]”, o que revela uma tensão que poderia ser melhor estudada.

Passeggi (2011) demonstra em seu estudo que no Brasil as pesquisas que se utilizam dessa fonte (auto)biográfica tomaram, em sua maioria, um curso direcionado às questões

identitárias à formação docente, classificando raras aquelas destinadas à ressignificação das experiências de vida.

Importante destacar nesse momento, que existem alguns aportes teórico-metodológicos que precisam ser entendidos em função de distintas tipificações e características, ainda que brevemente nessa escrita. São terminologias que se alinham, porém se distinguem: a autobiografia e a biografia, a história oral, a história de vida, a etnobiografia, a narrativa de vida e a biografia educativa ou narrativa de formação.

Bragança & Maurício (2008, p. 260-261) sistematizam cada definição da seguinte forma: a autobiografia e a biografia situam-se originalmente no campo da Literatura, a primeira como sendo uma escrita do próprio sujeito sobre si, e a biografia trazendo a presença do outro com registros da trajetória de vida, tratam sobre casos únicos, embora possam abordar temáticas específicas ou a vida em sua globalidade, utilizando de recursos de natureza escrita; a história oral é originária do campo da História como sendo uma “pesquisa que focaliza a contribuição que a trajetória de vida do(s) sujeito(s) pode dar para compreensão de determinados fatos, momentos ou contextos históricos”, podendo compreender múltiplos atores e tratar de casos mais temáticos, utilizando os recursos orais como ferramenta.

Enquanto isso, a história de vida, a etnobiografia e a narrativa de vida são oriundas do campo da Sociologia, sendo a primeira uma “abordagem teórico-metodológica, de origem socioantropológica, que focaliza a vida em suas tramas individuais e coletivas, como um *locus* privilegiado de compreensão dos processos humanos e sociais”; a segunda, etnobiografia, uma “abordagem metodológica, que toma as histórias de vida como um dos recursos em um conjunto de outros procedimentos que complementam a investigação”, e a narrativa de vida com um “foco sobre aspectos de vida de uma pessoa ou grupo de pessoas, relativo a uma prática social”, esta última que possui uma diferença quanto as demais, a de não abranger, em um aspecto temporal, a vida em seu sentido global, tratar-se-á de temáticas específicas (BRAGANÇA & MAURÍCIO, 2008, p. 260-261).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida, à guisa de conclusão, devem ser compreendidas em um espaço mais amplo de possibilidades, e, sobretudo, devem ser vistas como um rico material de estudos, afinal de contas, as experiências de vida são os aspectos que primeiro modulam o sujeito, e que primeiro constroem a sua essência.

Conclui-se que a atividade de rememorar se torna uma ferramenta fundamental para tomar à consciência fatos adormecidos ou não-pulsantes das histórias de vida. E esta atividade permite que o indivíduo se torne cada vez mais dono das nuances que o constituem enquanto um ser humano plural, de ricas ligações e relações com o mundo que o constitui.

No intento de superar uma carga histórica positivista que cimenta as possibilidades de pesquisa, especialmente as de cunho subjetivo, compreende-se que nesse trabalho a temática apresentada, de valorização do indivíduo como um sujeito dialético, construtor da sua realidade, um agente social ativo e que encontra em suas histórias de vida elementos formadores e transformadores de si, sujeito de uma práxis individual, assume uma figuração de urgência, sobretudo quando temos referências de tempos atuais que assolam as possibilidades de construção de identidades.

REFERÊNCIAS

- _____; MAURÍCIO, Lúcia Velloso. Histórias de vida e práticas de formação. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 253-271.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr., 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Política e Educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. 2. ed. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2010.
- LUSTOSA, Francisca Geny. Mães da Inclusão: Trajetória de Amor e Luta na defesa dos direitos de seus filhos. *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de (Org.). **Histórias de mulheres: Amor, Violência e Educação**. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2015. p. 177-195.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.**

Disponível em: <www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf>. Acesso em 24/09/2019.

_____ (org.). **Profissão professor.** Porto, Portugal: Porto Editora, 2008.

_____ (org.). **Vidas de professores.** Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

_____; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLINDA, Maria Ercília Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica em educação: afetos e (trans)formações.** Fortaleza, CE: EdUECE, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *In: Educação*, Porto Alegre, RS, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

_____ (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)Biografia: Formação, territórios e saberes.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____; _____; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: Pesquisa (Auto)biográfica, docência e profissionalização. *In: Educação em Revista*, Belo Horizonte, MG, v. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.